



10° EBBC

Encontro Brasileiro de
Bibliometria e Cientometria



QUEM TEM VOZ NA CIÊNCIA PLATAFORMIZADA? considerações sobre capital científico e capital algorítmico

Thaís Santos de Jesus

<https://orcid.org/0009-0004-1438-8293> | conversecomthais@gmail.com
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Marcia Regina da Silva

<https://orcid.org/0000-0001-5852-1026> | marciaregina@usp.br
Universidade de São Paulo (USP)

Resumo:

Esta pesquisa exploratória analisa a produção de conteúdo de dez tiktokers da ciência, discutindo a transição entre capital científico e capital algorítmico no contexto da plataformação da ciência. Parte-se da premissa de que as plataformas digitais reconfiguram critérios de legitimidade e visibilidade da informação científica. Metodologicamente, os perfis foram observados por 125 dias e analisados a partir de três dimensões: critérios de legitimação, temporalidade de acumulação e forma de autoridade. Os resultados indicam que métricas de engajamento, frequência de publicações e performance comunicacional influenciam a visibilidade dos conteúdos, evidenciando a emergência de formas de autoridade mediadas por algoritmos.

Palavras-Chave: Capital algorítmico. Influencers da ciência. Mídias sociais.

EIXO TEMÁTICO:

Produtividade e Colaboração Científica

MODALIDADE:

Resumo expandido

DOI: 10.22477/x.ebbc.1020

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

JESUS, Thaís Santos de; SILVA, Marcia Regina da. Quem tem voz na ciência plataformação? Considerações sobre capital científico e capital algorítmico. *In*: EBBC - Encontro Brasileiro de Bibliometria e Cientometria. 10. **Anais [...]**. Curitiba, 2026. DOI: 10.22477/x.ebbc.1020. Disponível em: <https://doi.org/10.22477/x.ebbc.1020>.



1 INTRODUÇÃO

A Ciência Aberta amplia a transparência dos processos científicos e o acesso ao conhecimento para além do círculo de especialistas, favorecendo a participação social na produção e circulação da ciência. Nesse sentido, Packer (2025) destaca que a Ciência Aberta resulta de uma construção coletiva que promove o desenvolvimento descentralizado de infraestruturas e serviços de comunicação científica. De forma convergente, Sena, Segundo e Melo (2022) apontam que esse movimento amplia as possibilidades de participação de não cientistas na produção e circulação do conhecimento.

Nesse contexto, plataformas digitais passam a atuar como mediadoras da informação científica. Inseridas em um ecossistema marcado pelo uso intensivo de dados e pela atuação das grandes empresas tecnológicas, essas infraestruturas influenciam os fluxos de visibilidade da informação científica, pois algoritmos organizam conteúdos segundo critérios de engajamento e relevância (Silva, 2025). Nesse ambiente emergem os influenciadores da ciência, que produzem conteúdos científicos e constroem audiências por meio de estratégias comunicacionais das mídias sociais.

Diante desse cenário, esta pesquisa busca responder à seguinte questão: quem tem voz na ciência plataformizada? O estudo analisa como a autoridade epistêmica na divulgação científica em mídias sociais, particularmente no TikTok, pode deslocar-se da mediação tradicional do capital científico para formas de reconhecimento associadas ao capital algorítmico.

2 PLATAFORMIZAÇÃO DA CIÊNCIA: ENTRE CAPITAL CIENTÍFICO E CAPITAL ALGORÍTMICO

No cenário contemporâneo, a circulação do conhecimento científico ocorre em ambientes mediados por plataformas digitais como Instagram, TikTok, YouTube e redes acadêmicas como *ResearchGate*. Embora ampliem a visibilidade da ciência, essas infraestruturas também suscitam preocupações quanto à superficialização da divulgação científica e à influência de lógicas algorítmicas na definição do que se torna visível.

As dinâmicas de circulação da informação científica estão associadas à atuação das *Big Techs*, empresas que controlam infraestruturas digitais responsáveis por organizar fluxos informacionais em escala global. Nesse contexto, práticas científicas passam a ser mediadas por sistemas algorítmicos desenvolvidos majoritariamente por corporações privadas do Norte global, levantando questionamentos sobre seus impactos na autonomia científica. Oliveira (2024) define esse processo como plataformação, entendido como a incorporação das infraestruturas e lógicas das plataformas digitais em diferentes esferas sociais, incluindo a produção e a comunicação científica.

A dependência dessas infraestruturas suscita debates sobre soberania científica, digital e epistêmica. A soberania epistêmica refere-se à capacidade de indivíduos ou coletividades exercerem autonomia sobre seus processos de produção e validação do conhecimento, sem subordinação a estruturas externas (Oliveira, 2024). No contexto da ciência plataformação, essa autonomia pode ser tensionada pela centralidade das plataformas digitais na circulação da informação científica.

Oliveira (2024) destaca que a plataformação da ciência reconfigura não apenas

os modos de comunicação científica, mas também os critérios de visibilidade e reconhecimento da produção científica. Nesse contexto, algoritmos de recomendação e sistemas de busca acadêmica influenciam a circulação de conteúdos, incorporando critérios de relevância que podem reproduzir vieses e assimetrias informacionais (Silva, 2025).

Nesse ecossistema destacam-se os influenciadores da ciência, que produzem conteúdos científicos para audiências amplas. Segundo Jesus (2025), esses atores ampliam o alcance da divulgação científica por meio de estratégias narrativas e comunicacionais próprias das mídias sociais, mas também levantam questionamentos sobre critérios de legitimidade e autoridade na comunicação científica mediada por plataformas.

A autoridade científica, tradicionalmente associada a recursos simbólicos acumulados no campo acadêmico, passa a conviver com formas de reconhecimento mediadas pela lógica das plataformas digitais. No campo científico, essa autoridade resulta do acúmulo de capital simbólico associado à titulação, publicações, citações, financiamentos e reconhecimento institucional (Bourdieu, 2004). Esse capital também influencia a divulgação científica, pois a visibilidade do pesquisador contribui para a valorização da ciência e do próprio cientista (Massarani; Dias, 2018). No contexto da ciência plataformizada, entretanto, emerge uma nova forma de reconhecimento, denominada capital algorítmico, associada às dinâmicas das plataformas e à performance comunicacional (Quadro 1).

Quadro 1 – Quadro comparativo entre o Capital científico e o Capital algorítmico

DIMENSÃO	CAPITAL CIENTÍFICO	CAPITAL ALGORÍTMICO
Base	Campo científico (Pierre Bourdieu)	Plataformização e algoritmização
Fonte de reconhecimento	Pares acadêmicos	Sistemas algorítmicos e público

DIMENSÃO	CAPITAL CIENTÍFICO	CAPITAL ALGORÍTMICO
Critério de legitimação e indicadores de reconhecimento	Titulação, publicação, citação, vinculação institucional	Engajamento (visualizações, retenção, viralização, comentários, envios de mensagens diretas e outros)
Lógica de funcionamento	Avaliação por pares	Recomendação algorítmica
Espaço de validação	Universidades, periódicos e agências de fomento	Plataformas digitais privadas
Temporalidade e acumulação	Acúmulo gradual estável de publicações, citações, prêmios e afins	Trata-se das publicações como vídeos e posts virais, por isso são voláteis e dependentes de performance
Forma de autoridade	Autoridade científica formal	Autoridade performática-mediada
Conversibilidade	Pode ser convertido em prestígio institucional	Pode gerar monetização e visibilidade
Riscos e barreiras de entrada	Exclusão por barreiras institucionais	Invisibilização algorítmica

Fonte: A autora, 2026.

O Quadro 1 evidencia a coexistência de duas formas de reconhecimento na ciência contemporânea: o capital científico, associado ao campo acadêmico institucionalizado, e o capital algorítmico, vinculado às dinâmicas de visibilidade e engajamento das plataformas digitais. Essa coexistência gera disputas em torno da legitimidade e da circulação da produção científica no ambiente digital.

3 CAMINHO METODOLÓGICO

Esta pesquisa, de caráter descritivo-exploratório, analisou a produção de conteúdo de dez¹ *tiktokers* da ciência ao longo de 125 dias consecutivos, no ano de 2024,

¹ Alex (@ovelhasideral - Astronomia)- 661,1 mil seguidores, Beatriz Hormanseder (@bhor3d - Paleontologia) -193,1 mil, Bianca Witzel (@biancawitzel.s - Biologia)-1,3 milhões, Carlos Stênio (@steniousxx - Biologia)- 229,3 mil, Gabriel Cabral (@prof.gabrielcabral - Química) - 831,4 mil, Jerson Filho e Julia Costa (@goledehistoria - História) - 80,2 mil, Juliana Moraes (@meninadospassarinhos - Biologia) - 53,5 mil, Kananda Eller (@deusacientista - Química) - 127,1 mil, Noslen de Oliveira (@professornoslen - Português)- 814,4 mil e Sandro Curió (@sandrocuriodicasdemat - Matemática) -1,7 milhões de seguidores). Os dados correspondem a julho de 2024.

com foco na identificação de elementos associados ao capital algorítmico. A seleção dos perfis, realizada nos motores de busca e na plataforma TikTok, mediante protocolo prévio, considerou dois critérios principais: número de seguidores e frequência de publicações no período analisado. O corpus da pesquisa é composto por 407 conteúdos, analisados por meio da técnica de análise de conteúdo de Bardin. Após codificação do material, foi constatado que 297 conteúdos (72,97%) correspondiam à divulgação científica e/ou ensino curricular. A análise considerou três dimensões: (1) critérios de legitimação e indicadores de reconhecimento; (2) temporalidade e acumulação; e (3) forma de autoridade.

4 RESULTADOS

Na dimensão critérios de legitimação e indicadores de reconhecimento, nota-se uma tensão entre os critérios tradicionais de legitimação científica e os mecanismos de reconhecimento característicos das plataformas digitais. Dos dez *tiktokers* analisados, oito possuem formação de nível superior; porém, apenas cinco mobilizam esse capital científico na apresentação de seus perfis, e somente um menciona vínculo institucional. Esse resultado sugere que, no ambiente plataformizado, o capital científico descrito por Bourdieu (2004), historicamente construído por meio de titulação, publicações e reconhecimento entre pares, não se apresenta necessariamente como elemento central de legitimação.

Em contrapartida, a visibilidade e o alcance dos conteúdos passam a depender de indicadores típicos da lógica algorítmica, como curtidas, visualizações e compartilhamentos - caracterizando o engajamento como a interação ativa do público. Esse deslocamento indica reorganização da autoridade epistêmica em torno dessas métricas.

Observou-se que os conteúdos seguem padrões incentivados pela própria arqui-

tetura da plataforma, como vídeos curtos e linguagem simplificada, estratégias associadas à lógica algorítmica de recomendação (Silva, 2025). Assim, a legitimação tende a migrar do reconhecimento entre pares para a visibilidade algorítmica.

Quanto à temporalidade e à acumulação (segunda dimensão), no capital científico a reputação é construída de forma lenta e cumulativa (Bourdieu, 2004). No ambiente plataformizado, a acumulação é mais instável e volátil.

Entre os *tiktokers*, houve variação na frequência de publicações. Perfis com maior regularidade apresentaram crescimento de seguidores, como Bianca Witzel (57 publicações), Kananda Eller (60), Noslen de Oliveira (67) e Sandro Curió (92), enquanto outros mantiveram presença mais esporádica na plataforma. Essa regularidade de produção parece associar-se diretamente ao crescimento no número de seguidores, como observado nos perfis de Beatriz Hormanseder (+41,4 mil), Noslen de Oliveira (+21,5 mil), Jerson Filho e Julia Costa (+2,8 mil) e Kananda Eller (+1,7 mil). Esses dados reforçam que o capital algorítmico depende de atualização constante e de performance contínua, diferindo do capital científico mais estável.

Na terceira dimensão, a análise indica uma transformação significativa na forma como a autoridade epistêmica é construída no ambiente digital. Observou-se que perfis com mais curtidas, comentários, visualizações e compartilhamentos, tendem a adquirir maior visibilidade e credibilidade perante o público, independente da formação acadêmica ou especialização na área abordada. Podemos citar o conteúdo produzido pela Bianca Witzel, que, na época, era estudante de biologia, e que obteve 2,4 milhões de visualizações e quase 300 mil comentários (o material trazia curiosidades acerca dos animais presentes na Austrália). Já a bióloga Juliana Moraes, obteve poucas visualizações quando comparado ao exemplo anterior. A bióloga do nicho dos pássaros, alcançou quase seis mil visualizações e 575 comen-

tários no conteúdo que melhor performou (o vídeo abordava o comportamento das corujas buraqueiras).

Esse fenômeno pode ser interpretado como autoridade performática-mediada, na qual a credibilidade resulta da combinação entre visibilidade algorítmica e performance comunicacional. Essa lógica aproxima-se do chamado Efeito Mateus, descrito por Merton, segundo o qual a visibilidade tende a se concentrar em atores que já possuem maior reconhecimento. No contexto da ciência platformizada, entretanto, esse efeito passa a ser amplificado pelos algoritmos de recomendação, que priorizam conteúdos com maior engajamento.

Assim, a análise sugere que a circulação da ciência nas plataformas digitais ocorre em um regime híbrido de legitimidade, no qual coexistem o capital científico e o capital algorítmico, sendo este último cada vez mais central na definição de quem possui voz e visibilidade no espaço público.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na era da platformização, a soberania científica envolve não apenas disputar condições de visibilidade e reconhecimento nos ambientes digitais, mas também refletir sobre os dilemas éticos relacionados a quem tem voz na circulação pública da ciência. Os resultados indicam que, no ecossistema das mídias sociais, o capital algorítmico tende a ganhar centralidade, podendo ampliar a visibilidade de determinados atores independentemente de sua formação ou vínculo com o campo científico, enquanto pesquisadores com elevado capital científico podem permanecer pouco visíveis nas plataformas. Essa dinâmica evidencia tensões entre critérios tradicionais de legitimidade científica e mecanismos de reconhecimento mediados por algoritmos, podendo favorecer a circulação de conteúdos científicos sem o devido rigor ou verificação. Diante desse cenário, torna-se necessário

aprofundar investigações sobre o conceito de capital algorítmico e desenvolver análises mais sistemáticas sobre os influenciadores da ciência no contexto brasileiro, frente aos desafios da expansão das plataformas digitais e da circulação de desinformação científica.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

JESUS, Thaís Santos de. **TikTokers da ciência**: uma análise da produção de conteúdo de divulgação científica. 2025. 104 f. Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, UFSCar, São Carlos, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/items/30113035-d596-4366-9258-825ba76e3554>. Acesso em: 17 fev. 2026.

MASSARANI, Luisa; DIAS, Eliane Monteiro de Santana (org.). **José Reis**: reflexões sobre a divulgação científica. Rio de Janeiro: Fiocruz/Coc, 2018. Disponível em: https://portal.sbpcnet.org.br/livro/ebook_reflexoes_divulgacao_cientifica_press.pdf. Acesso em: 17 fev. 2026.

OLIVEIRA, Thaiane Moreira de. Desafios para a soberania epistêmica no contexto de platformização da ciência: por métricas soberanas entre assimetrias globais e assimetrias informacionais. **Liinc em revista**, v. 20, n. 1, 2024. DOI:10.18617/liinc.vv20i1.7045. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/7045>. Acesso em: 17 fev. 2026.

PACKER, Abel Laerte. A ciência aberta é uma construção coletiva. In: SILVA, Fabiano Couto Corrêa da; STUEBER, Ketlen; SEGUNDO, Washington Luís Ribeiro de Carvalho. (org.). **Ciência Aberta no Brasil**: conquistas e desafios. Porto Alegre: Editora Letra1, 2025. p. 15-28. DOI: 10.5281/zenodo.15150875. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/350374>. Acesso em: 01 mar. 2026.

SENA, Priscila Machado Borges; SEGUNDO, Washington Luís Ribeiro de Carvalho; MELO, Bianca Amaro de. Compromisso para o avanço da ciência aberta no Brasil. **Encontro Brasileiro de Bibliometria e Cientometria**, v. 8, p. 60-67, 2025. DOI: 10.22477.75. Disponível em: <https://ebbc.inf.br/ojs/index.php/ebbc/article/view/516>. Acesso em: 01 mar. 2026.

SILVA, Fabiano Couto Corrêa da. **Quem controla seus dados?** ciência aberta, colonialismo de dados e soberania na era da inteligência artificial e do big data. São Paulo: Pimenta Cultural, 2025. DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-474-2. Disponível em: https://www.pimentacultural.com/wp-content/uploads/2025/10/eBook_quem-controla-dados.pdf. Acesso em: 01 mar. 2026.